

A ESCOLA NORMAL RURAL MURIALDO: MEMÓRIAS DE EGRESSOS (1947-1963)

THE TEACHER-TRAINING RURAL SCHOOL MURIALDO: MEMORIES OF FORMER STUDENTS (1947-1963)

José Edimar de Souza¹

Resumo

A história da Escola Normal Murialdo situa-se no contexto da escolarização desenvolvida pelas congregações religiosas nas regiões de colonização europeia. A instituição foi fundada em Ana Rech, distrito do município de Caxias do Sul, RS, em 1942. O objetivo é analisar memórias em torno da instituição e o modo como se articulam às trajetórias formativas. O projeto resulta de ações da comunidade em cooperação com políticas do governo estadual. A escola considerada “com alto grau de ensino”, formou centenas de professores rurais que se destacaram regionalmente, como Valter Antônio Susin e Telmo Luiz Paganella. A perspectiva teórica é da história cultural, e a metodologia considera a história oral cotejada com documentos pessoais sob análise documental. A influência da Igreja evidencia-se no modo como estes docentes orientaram suas práticas, assumindo um perfil de liderança nas suas comunidades.

Palavras-chave: Instituições escolares; Escola Normal Rural Murialdo; trajetórias formativas.

Abstract

The history of Teacher-Training School Murialdo is situated in the context of schooling developed by religious congregations in regions of European colonization. The institution was founded in Ana Rech, a district of the city of Caxias do Sul, RS, in 1942. The objective is to analyze memories surrounding the institution and the way in which they are articulated with the formative paths. The project results from community actions in cooperation with state government policies. The highly educated school trained hundreds of distinguished rural teachers, such as Valter Antônio Susin and Telmo Luiz Paganella. The theoretical perspective is from cultural history and the methodology considers oral history collated with personal documents under

¹ Graduado em História, em Pedagogia, em Geografia e acadêmico do curso de Bacharelado em Biblioteconomia. Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em História e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul – UCS. Vice-líder do GRUPHEIM. Pesquisa financiada pela FAPERGS, projeto: “Grupo escolar no Vale do Sinos e na Serra Gaúcha no século XX: histórias, culturas e práticas” - Processo número: 21/2551-0002214-0.



documental analysis. The Church's influence is evident in the way these teachers guided their practices, assuming a leadership profile in their communities.

Keywords: School institutions; Murialdo Teacher-Training Rural School; formative paths.

Introdução

Zeila Demartini argumenta que pensar o tema da educação no meio rural implica pensar não apenas nas bases para o terceiro milênio, mas no passado; pensar na história de uma exclusão e, ao mesmo tempo, de uma resistência que merecem serem lembradas². E indiferente de compor uma história da educação rural ou do campo, concordo com Demartini quando argumenta que é necessário construir uma outra teoria da história, “que devolva ao passado a sua capacidade de revelação”, que reanime o sofrimento humano e amenize as mazelas das desigualdades sociais. Para que isso ocorra, é preciso ter um “projeto de memória e de denúncia”³. Desse modo, o rural neste estudo é entendido como contexto cujas práticas e representações locais produziram os elementos culturais que moldaram o modo como escolas foram sendo instituídas, e o lugar de inserção dos egressos entrevistados para esta pesquisa.

O meio rural assume uma condição de espaço de produção de novas relações sociais: campo de possibilidades – de produções de história e cultura – dos sujeitos que ali vivem. Portanto, o conceito de campo – aqui sinônimo de zona, área ou espaço rural – é considerado o ambiente onde ocorreram práticas culturais, sendo as instituições escolares uma referência que baliza identidades e pertencimentos ao lugar.

A história das instituições escolares se apresenta como um campo em projeção de múltiplas possibilidades de pesquisas, considerando suas dimensões organizativas. Embora muitos trabalhos consagrem o campo investigativo com estudos significativos, nas últimas décadas cresce uma tendência em reunir estudos que evidenciem o mapeamento de oferta dos diferentes tipos de estruturas de atendimentos aos estudantes ao longo do tempo, tanto em espaços

² DEMARTINI, Zeila. Educação no campo: notas preliminares. *In*: BARBOSA, Joaquim Gonçalves; ALVES, Maria Leila; DURAN, Marília Claret Geraes (orgs.). **Políticas e educação: múltiplas leituras**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. p. 133-148.

³ DEMARTINI, Zeila. Educação no campo: notas preliminares. *In*: BARBOSA, Joaquim Gonçalves; ALVES, Maria Leila; DURAN, Marília Claret Geraes (orgs.). **Políticas e educação: múltiplas leituras**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. p. 133-148. p. 134.



urbanos como rurais. Justino Magalhães argumenta que a instituição escolar é o espaço legítimo da prática, um lugar de socialização e de ideação. Além disso, para compor a história de uma instituição educativa e integrá-la na realidade, reescreve-se os itinerários da vida institucional, conferindo-lhe um sentido histórico⁴.

A perspectiva teórica é a da história cultural, por considerar, na análise dos processos de escolarização e dos aspectos da cultura, os sentidos e significados evidenciados em documentos. A experiência como prática vivida, que remete à concretude da vivência de um indivíduo ou de um grupo social, constitui um substrato da memória que se reelabora constantemente, ou seja, nunca termina, como argumenta Alistair Thomson⁵. É pelas representações do valor atribuído pelos sujeitos que o exercício da prática historiográfica possibilita compor espaços e tempos: conhecer e compreender como se desenvolveram distintas trajetórias de um fazer pedagógico, cultural e social.

É pela narrativa que o passado adquire um sentido prático, pelo qual conseguimos acessar representações significadas nas ações empreendidas no tempo. Pensar a história é pensar nosso agir e transformar no mundo a partir das relações que estabelecemos com nosso lugar, a partir das memórias em torno dos espaços em que este agir compõe uma trajetória, um curso formativo.

Com o movimento dos *Annales* (1929), “uma nova representação do tempo histórico” se desenvolveu teoricamente. A evolução desta inovação no método investigativo possibilitou analisar acontecimentos considerando uma micronarrativa: narração da história de práticas, compartilhadas e configuradas no espaço e no tempo das memórias. A inclusão de novas fontes deve-se ao processo de ampliação da abordagem histórica para trabalhar problemáticas contemporâneas, analisadas sob outra perspectiva teórica e promovida pelo movimento da Nova História. A renovação no uso de fontes na historiografia ressurgiu na segunda metade do século XX sob as tendências e correntes que influenciaram muitos historiadores, com o propósito de “ampliar não só o objeto a ser pesquisado, mas, sobretudo, a noção de fonte histórica”⁶. Essa nova forma

⁴ MAGALHÃES, Justino. The educational institution in the modernization of the local. Historical – pedagogical perspective. **Revista di storia dell'educazione**, p. 41-55, 1/2018. p. 42.

⁵ THOMSON, Alistair. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr., 1997.

⁶ PENNA, Rejane. Avanços e perspectivas na utilização das fontes orais em historiografia recente. **Práxis** - Revista do ICHLA, Novo Hamburgo, ano 2, v. 2, n. 3, p. 7-14, ago. 2005. p. 7.



de problematizar a história possibilitou outras organizações do tempo, do modo como os historiadores recortam, distribuem e ordenam em distintos níveis os objetos históricos. Além disso, pela análise de documentos, é possível conhecer e compreender estruturas sociais de forma a observar os processos de maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos e práticas.

Desse modo, a história cultural é a perspectiva teórico-metodológica deste trabalho, considerando que, ao investigar os processos de escolarização, na tessitura das identidades de pertencimento, identificam-se elementos de uma cultura formativa dos sentidos, das tradições e convenções estabelecidas pelos grupos sociais.

A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente, a história, uma representação do passado. [...] ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história, porque operação intelectual [...] A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto [...]⁷.

O estudo investiga aspectos da formação de dois professores, egressos da Escola Normal Rural Murialdo, e busca compreender como se relacionam com a cultura dos imigrantes nos seus desdobramentos com vistas a compor uma prática profissional. Além da pesquisa documental, o estudo se vale da metodologia da História Oral considerando a memória social. Para Halbwach, a passagem do tempo, em espaço percebido a partir das memórias, possibilita conhecer e compreender como as características históricas, políticas e sociais, que identificam um grupo específico, foram construídas pelas interações e/ou pelo desenvolvimento de experiências que estes vinculam às suas histórias⁸.

⁷ NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Proj. história**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. p. 9.

⁸ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.



A Memória, aplicada à entrevista narrativa⁹ transcrita, é entendida como documento: fornece ao historiador alguns indícios que permitem a produção de leituras dos fatos vividos pelos indivíduos, daquilo de que se lembram e esquecem a um só tempo. Portanto, a memória é uma construção social que representa um modo elaborado pelos sujeitos de lembrar o passado. É pela narrativa que o passado adquire um sentido prático, pelo qual conseguimos acessar representações significadas nas ações empreendidas no tempo. É desse modo que conhecemos um pouco do passado vivido, da tomada de decisões e das escolhas da vida cotidiana.

Verena Alberti argumenta que o trabalho com história oral envolve “[...] gravação de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, [...] modos de vida da história contemporânea”¹⁰. Nesse sentido, a referida autora ainda acrescenta que as memórias consideradas como narrativa, como fonte histórica, não são neutras. E embora a narrativa de história oral constitua o passado, isso não significa que o passado não tenha existido antes dela. Desse modo, as memórias representam possíveis versões do passado.

Em relação ao exercício da escrita da história, é a partir de um conjunto de documentos que, reunidos, permitem ordenar um passado, trazer vestígios dessa vivência por meio de uma memória coletiva de um determinado grupo social. E o cultural “[...] parece ser el dominio de los seres humanos, aquella esfera que ellos mismos han producido individual o colectivamente, reciente o remotamente, deliberada o inconscientemente”¹¹. Os documentos são produtos de diversas práticas de escrita. São os detalhes da escrita que auxiliam a compreender o contexto em que emergiu tal produto social. É importante saber como o documento foi escrito, o tipo de papel, uso da letra, pois, segundo Rockwell, “Las

⁹ As entrevistas foram realizadas no ano de 2019, entre os meses de julho e agosto, nas residências dos entrevistados. Foi estruturada através do aporte chamado entrevista narrativa, onde não há uma pauta ou roteiro fixo que guie o procedimento, enfatizando os aspectos formativos. Após o processo de produção das narrativas, elas foram transcritas e analisadas. Cf.: ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A.T. (orgs.). **Itinerários de Pesquisa**. Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-308.

¹⁰ ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 37.

¹¹ SERNA, Justo; PONS, Analet. **La historia cultural**: Autores, obras, lugares. Madrid: Akal, 2013. p. 17.



diferentes formas de producir los documentos dan una idea de las capas de historicidad que se encuentran [...]”¹².

Dados os referenciais teóricos e metodológicos utilizados, a construção do conhecimento representa uma possibilidade explicativa sobre a realidade estudada, já que o que se produz é parcial e provisório. Nesse sentido, o modo como se desencadeia o relacionamento com o conhecimento e a escolha de ferramentas para operacionalizar uma metodologia indicam o modo como as reflexões, as leituras de cenários, de contextos, se processam e significam pelo olhar do investigador.

Entendemos que a contribuição do pesquisador para a escrita da história acontece a partir dessa seleção de fatos considerados relevantes, assim como da interpretação desenvolvida a partir da aplicação de um método que procure traduzir as experiências do passado em conhecimento histórico produzido. Nesse sentido, analisar as relações de contexto contribui para compreender como se desenvolveram os processos formativos na Escola Normal Rural Murialdo, de Caxias do Sul.

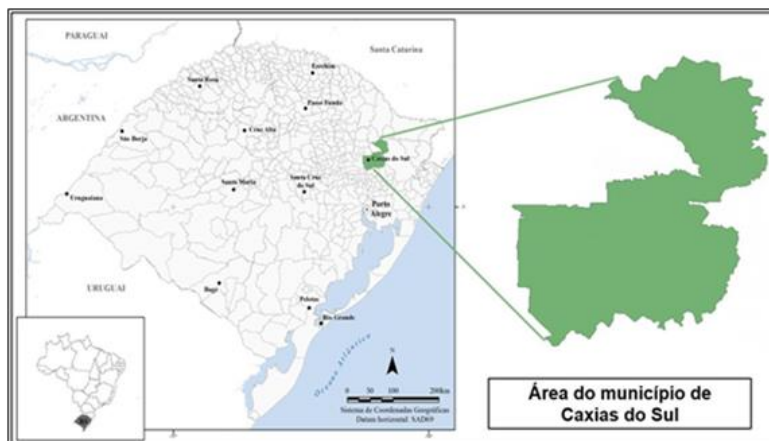
Ana Rech é um distrito do município de Caxias do Sul desde 1927. Como se observa na figura 1, o município está situado na região nordeste do Estado, com área total de 1.638,34 km² e aproximadamente 500.000 habitantes. Faz divisa com os municípios de São Marcos, Campestre da Serra e Monte Alegre dos Campos ao norte; Vale Real, Nova Petrópolis, Gramado e Canela ao sul; São Francisco de Paula a leste e Flores da Cunha e Farroupilha a oeste. Localiza-se a aproximadamente 127 km da capital do Estado, Porto Alegre. Destaca-se turisticamente pela realização da Festa Nacional da Uva, além de ser considerada cidade polo Metalmeccânico, com modernização de indústrias e mão de obra da própria comunidade¹³.

Figura 1 - Caxias do Sul em destaque no mapa do Estado do Rio Grande do Sul

¹² ROCKWELL, Elsie. Imaginando lo no-documentado: del archivo a la cultura escolar. In CERECEDO, Alicia Civera; ESCALANTE, Carlos; LAFARGA, Luz Elena Galván (Coord.). **Debates y desafíos en la historia de la educación en México**. Zinacantepec, Estado de México: El Colegio Mexiquense, A.C.: Instituto Superior de Ciencias de la Educación del Estado de México, 2002. p. 208-234. p. 221.

¹³ CAXIAS DO SUL. Mapa do município – escala 1/10.000. Disponível em: http://www.caxias.rs.gov.br/_uploads/planejamento/sui/sui_mapa_municipio.pdf. Acesso em: 22 maio 2017.





Fonte: RIO GRANDE DO SUL (2019). Adaptado a partir de Divisão Geopolítica do Estado do Rio Grande do Sul, Fundação Estadual de Economia e Estatística.

A escolarização formal em Caxias do Sul, sobretudo no meio rural, ocorreu a partir do século XIX com a chegada dos imigrantes europeus com as escolas étnicas, paroquiais e, posteriormente, as escolas isoladas. A pesquisa toma como ponto de partida o momento em que Caxias assume condição administrativa de município pelo Ato 257 de junho de 1890, e, a partir de então, passou a receber uma leva de imigrantes, sendo parte deles italianos que buscavam novas oportunidades diante do cenário de crise europeia que abalava a Itália. Segundo Dalla Vecchia, Herédia e Ramos houve um incentivo à emigração em grande escala, e o estado do Rio Grande do Sul continuou recebendo imigrantes nas décadas seguintes¹⁴. Conforme Dalla Vecchia, Herédia e Ramos:

A ocupação das terras que deram origem a Caxias do Sul fez parte de um programa nacional de colonização. Naquela época, o modelo econômico que vigorava era o modelo agroexportador e a criação de núcleos coloniais agrícolas era prioridade, o que fortalecia a ideia de que era necessária uma população voltada para a agricultura do estado para abastecê-lo e, paralelamente, ocupar os espaços vazios da própria região com o objetivo de criar maior segurança interna¹⁵.

Em 1890, Caxias do Sul tinha uma população de 15.142 habitantes. Dez anos depois esse número praticamente dobrou, passando a 30.500 habitantes, sendo 27.500 da zona rural e 3.000 da zona urbana. Já em 1910 a população total

¹⁴ DALLA VECCHIA, Marisa Virgínia Formolo; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber:** 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul. 2. ed. Porto Alegre: EST, 1998.

¹⁵ DALLA VECCHIA, Marisa Virgínia Formolo; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber:** 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul. 2. ed. Porto Alegre: EST, 1998. p. 29.



caiu para 23.956, dos quais 20.214 se encontravam na zona rural e 3.742 na zona urbana. Em 1920 a população total de Caxias era de 33.773, e em 1930 de 32.622, estando 22.647 na zona rural e 9.975 na zona urbana¹⁶.

Com a emancipação em 1890, foram criados dois distritos em Caxias do Sul, sendo o primeiro localizado na sede e o segundo denominado Nova Trento. Devido ao crescimento populacional, após doze anos surgiu a necessidade de criação de mais distritos, e, mediante o ato n. 38 de 25.12.1902, Nova Milano é incorporada como 3º distrito de Caxias do Sul, cidade à qual pertenceu até 1917, quando a região foi transferida para o novo núcleo populacional que se desenvolvia nos arredores da estação férrea.

Segundo Fernandes, a estrada de ferro construída em 1910, que ligava Caxias a Porto Alegre, foi um fato importante para o desenvolvimento do comércio dos produtos das Colônias com outras localidades¹⁷. Devido a essa construção, um novo núcleo populacional se desenvolveu nos arredores da estrada de ferro e ficou conhecido como Nova Vicenza. De acordo com Fernandes, nesse período um número significativo de imigrantes alemães foi atraído a Nova Vicenza pela perspectiva de progresso, contribuindo assim para o desenvolvimento econômico da região, que passou a incorporar o distrito Nova Milano em dezembro de 1917¹⁸. Dois anos depois da criação do 3º distrito, Nova Pádua é incorporada como 4º distrito de Caxias do Sul e assim permanece até 1924, data em que incorpora a localidade Nova Trento¹⁹.

O 5º distrito foi anexado primeiramente em Galópolis em 1914. O mesmo desanexou-se e voltou a anexar-se como 4º distrito e posteriormente, como 3º

¹⁶ DALLA VECCHIA, Marisa Virgínia Formolo; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: EST, 1998.

¹⁷ FERNANDES, Cassiane Curtarelli. **Uma história do Grupo Escolar Farroupilha: sujeitos e práticas escolares (Farroupilha/RS, 1927-1949)**. 2015. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UCS, Caxias do Sul, RS, 2015.

¹⁸ FERNANDES, Cassiane Curtarelli. **Uma história do Grupo Escolar Farroupilha: sujeitos e práticas escolares (Farroupilha/RS, 1927-1949)**. 2015. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UCS, Caxias do Sul, RS, 2015.

¹⁹ Há algumas informações divergentes no acervo documental nas localidades de Travessão Felisberto da Silva e Travessão Marques do Herval, apresentadas nos mapas escolares do Arquivo Histórico Municipal João Spadari Adami no 4º distrito, anteriores à própria criação do referido distrito; o qual veio a ser denominado Nova Pádua em 1904, mas que incorporou a região Nova Trento em 1924. Desse modo, é possível considerar as duas regiões citadas como localidades do 2º distrito de Caxias do Sul; Nova Trento, até 1924.



distrito. Somente em 1927 surge Ana Rech como 5º distrito de Caxias do Sul, depois classificando-se como 4º distrito e 3º distrito até a sua extinção em 1979²⁰.

Durante a década de 1890 até aproximadamente 1950, a educação em Caxias foi regida por aulas públicas municipais e subsidiadas pelo Estado, bem como escolas étnicas comunitárias (isoladas, criadas pela comunidade), escolas confessionais, escolas particulares, ensino elementar e ensino complementar. No entanto, existiram também escolas italianas apoiadas pelo governo italiano e escolas nas paróquias italianas. Para Luchese:

A escolarização na RCI²¹ foi, ao terminar o século XIX e ao iniciar o século XX, marcada pela coexistência de inúmeras iniciativas e de agentes que intervieram em prol da escola de primeiras letras. Apesar de [...] ser a escola pública [...] a mais importante e a mais solicitada por parte dos imigrantes e de seus descendentes [...]²².

As escolas particulares foram as primeiras instauradas na colônia Caxias, e eram regidas por professores eleitos pelos próprios colonos, sendo que a maioria delas funcionava improvisada nas próprias residências dos educadores. Ainda que professores leigos tenham atuado nas escolas, houve, em alguns casos, esforços e mobilização por parte da comunidade e do governo, com subsídios públicos e estrangeiros, para que professores com formação na sua área correspondente, ministrassem classes nesse tipo de organização escolar²³.

Os imigrantes organizavam pequenas escolas comunitárias para que seus filhos pudessem aprender a ler, escrever e contar, e a docência era confiada a algum colono que fosse mais instruído. Para custear as aulas, os imigrantes colonos faziam pedidos à intendência municipal. Costumava-se reivindicar que o município pagasse o professor e mantivesse a escola com os materiais necessários. Em contrapartida, muitos colonos doavam o terreno e trabalhavam para a construção da instituição escolar.

²⁰ DALLA VECCHIA, Marisa Virgínia Formolo; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: EST, 1998.

²¹ Região de Colonização Italiana (RCI).

²² LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. Das Escolas de Improviso às Escolas Planejadas: Um Olhar Sobre os Espaços Escolares da Região Colonial Italiana, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 45-75, maio/ago. 2012. p. 185.

²³ LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. Das Escolas de Improviso às Escolas Planejadas: Um Olhar Sobre os Espaços Escolares da Região Colonial Italiana, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 45-75, maio/ago. 2012.



A Escola Normal Rural Murialdo: memórias de uma trajetória formativa

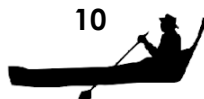
As instituições escolares constituem-se de espaços formais de aprendizagem, que são engendrados pelas relações dos vários sujeitos envolvidos nos processos educativos. Ressalto que os espaços não são formados apenas de alunos, professores e funcionários, mas também de objetos e materiais, com inter-relações, vínculos, sentidos que são empregados por esses sujeitos nesses espaços²⁴. Ao pesquisar instituições escolares, temos uma visão ampla sobre os espaços, os tempos, os sujeitos, os materiais e, assim, sobre as relações que constituem toda vida escolar. Dessa forma, a partir de uma instituição específica, podemos perceber os inúmeros elementos formadores das suas práticas, das suas culturas e também das representações de diversas concepções presentes na criação e no funcionamento das diferentes instituições educativas que integram um sistema escolar.

A história da instituição como Colégio Murialdo teve início a partir de 1929 com o ensino primário elementar, desenvolvido nas antigas instalações do Mosteiro da Santíssima Trindade. Funcionava como internato para adolescentes e jovens do sexo masculino, geralmente atendendo a comunidade carente. Segundo Werle *et al*, a vinda dos religiosos josefinos era incentivada pelo Arcebispo Dom João Becker e apoiada pelo intendente de Caxias do Sul. “Os Monges Camaldulenses, chegados à 8a. Léguas da Colônia de Caxias em 1907, no ano de 1926 voltam para a Europa destacando que a situação exigia a vinda de outra ordem religiosa para o local”²⁵.

A Escola Normal Rural Murialdo é criada em 1942. Situada no distrito de Ana Rech, em Caxias do Sul – região de colonização italiana – a instituição mantida e administrada por Padres Josefinos e reconhecida, em 1942, como instituição de formação de professores rurais pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul, funciona até 1972, formando neste período 798 professores.

²⁴ GATTI JR., Décio. **A História das Instituições Educacionais**: inovações paradigmáticas e temáticas. Campinas/SP: Autores Associados, Uberlândia/MG, Editora da Universidade Federal de Uberlândia. 2002, p. 3-24.

²⁵ WERLE, Flávia Obino Corrêa. Formação de professores para a zona rural: análise em perspectiva histórica, diferentes veículos de cultura escolar. *In*: FARIAS, Graziela Franceschet; ANTUNES, Helenise Sangoi (org.). **Desafios e perspectivas na Educação Rural**: fazeres pedagógicos e seus múltiplos olhares. Curitiba: CRV, 2014. p. 49-68. p. 71.



No Rio Grande do Sul, por exemplo, na Escola Normal Rural, havia investimento na temática agrária e na pretensa modernização rural. Contudo, os depoimentos dos professores entrevistados manifestam a dificuldade em atender sozinho as muitas demandas da escola. A alfabetização para ler, escrever e contar ocupava o tempo de aula; em poucas situações havia um pequeno quintal ou uma pequena horta nas escolas ou espaços alugados e ocupados para “fazer aula”. Poucas evidências indicam o cumprimento do que o governo esperava conforme o projeto ruralista e a educação rural²⁶. Desse modo, mesmo que as políticas públicas tenham sido um fato presente na segunda metade do século XX, o contexto das práticas traduzia as adversidades e dificuldades na execução e manutenção dessas políticas²⁷ na prática.

Para este estudo foram entrevistados dois egressos desta instituição: os professores aposentados Telmo Luiz Paganella e Valter Antônio Susisn. O professor Valter, formando da segunda turma, de 1951; e Telmo, formado pela décima quarta turma, de 1963. É importante destacar que se esperava entrevistar um número maior de pessoas, mas nem todos aceitaram participar da pesquisa, indicando, em muitos casos, que não teriam nenhuma contribuição significativa para o estudo e fazendo referência aos professores Telmo e Valter²⁸.

Valter nasceu em Ana Rech, em 31 de julho de 1934, e desde os cinco anos de idade frequentava o Murialdo. Foi alfabetizado em 1941 pelo Irmão Guerini e concluiu o Curso primário no ano de 1946. E entre 1947 e 1951, cursou o segundo grau na Escola Normal Rural Murialdo. Em 1952, foi convidado a atuar no Colégio Murialdo. Entre 1954 e 1956, atuou em escolas rurais no interior do Estado, atendendo o que determinava o artigo 53 do Decreto 1812, de 15 de maio de 1951:

²⁶ No Rio Grande do Sul, a exemplo de algumas iniciativas em Caxias do Sul-RS, existiu um impresso pedagógico direcionado a comunidades rurais – não especificamente para as escolas –, dirigido e produzido pela Diretoria de Instrução Pública. Chamava-se jornal *Despertar*. Mais detalhes podem ser conferidos no estudo de Dewes cf.: DEWES, Elisângela Cândido da Silva. “**O Despertar**”: uma história das práticas da educação rural em Caxias do Sul (1947-1954). – 2019. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

²⁷ Pretendia-se que o projeto de formação de docentes em escolas rurais confessionais contribuísse para radicar a comunidade no meio rural. Além disso, esperava-se que os professores formados nesses cursos também incentivassem a vocação ao sacerdócio nos “jovens coloninhos”.

²⁸ O professor Telmo organizou uma obra memorialística sobre os egressos formados no curso normal do colégio, publicada em 2021. O professor Valter representa uma relação profissional que envolve diferentes gerações com a instituição. Foi aluno, professor, secretário e também vereador pelo distrito de Ana Rech.



“depois de terminar os quatro anos do Curso Normal Rural, sirva o Magistério pelo menos durante três anos”²⁹.

Valter atuou no magistério e também na secretaria escolar do colégio entre 1956 e 1989. Destaca-se na sua trajetória a passagem por cargos públicos e políticos. Entre 1973-1976 foi subprefeito de Ana Rech e vereador eleito por dois mandatos em Caxias do Sul, 1977-1982 e 1983-1988. Além disso, esteve envolvido em diferentes ações culturais e sociais no distrito de Ana Rech.

Esse mesmo professor faz referência ao seu período de formação com estas palavras: “o colégio Murialdo foi, para mim, minha segunda família onde recebi uma formação integral: humana e cristã, cultural e artística, social e política, lições de amor e humildade, formação esta que me proporcionou ser alguém na vida”³⁰.

O ambiente do internato ainda procurava inculcar uma postura e conduta de espiritualidade, recolhimento, silêncio, resignação e abstinência em oração aos jovens estudantes. Havia ainda o trabalho na agricultura, pois os padres mantinham hortifrutigranjeiros no colégio.

Telmo nasceu em 19 de maio de 1945, em Anita Garibaldi, Santa Catarina, mas viveu sua infância na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, em Pinhal da Serra, interior de Vacaria. Estudante do curso primário no Grupo Escolar de Pinhal da Serra, inscreveu-se no exame de admissão da Escola Normal em 1959, e formou-se professor Primário Rural em 1963. Atuou como docente de escolas isoladas rurais no período de 1964 a 1968. Posteriormente, atuou como representante comercial, mas exerceu diferentes cargos públicos. Foi fundador do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Esmeralda e vereador pelo mesmo município, em 1975. Na década de 1980, formou-se oficial de justiça da comarca de São Marcos e, em 1995, formou-se em Direito. Além de ter ocupado outros cargos em administração pública, foi presidente do Rotary Clube de São Marcos e membro da Loja Maçônica do mesmo município.

Em relação às memórias formativas, destacam-se também a rigurosidade dos professores e a vida no internato. Muitos estudantes eram bolsistas. O governo de Leonel Brizola havia instituído um programa de bolsas, e Telmo fora

²⁹ PAGANELLA, Telmo Luiz. **Marcas, profundas marcas...** São Marcos: Lorigraf, 2009. p. 84.

³⁰ PAGANELLA, Telmo Luiz. **Marcas, profundas marcas...** São Marcos: Lorigraf, 2009. p. 168.



contemplado após aprovação no exame de admissão. Nas memórias escritas em 2009, ele refere que os estudantes deveriam levar um pequeno enxoval de cama e banho além dos objetos pessoais e vestuário. O ingresso na escola representava a possibilidade de “sair do interior”: frequentar os bancos escolares, deixar para trás a vida na roça e as lides caseiras. Contudo, “dali para frente, haveria de ser modelo, exemplo, em tudo o que dissesse ou fizesse. Seus contatos, seus amigos, suas diversões sofriam os respingos do dever de se portar com honra e de ser respeitado. Assumindo a formação pautada pelos “bons modos, pela educação e pelo respeito”³¹.

O curso Normal era integrado por muitos alunos de origem pobre. As despesas eram subsidiadas pela bolsa de estudo, bem como pelo trabalho individual dos estudantes na agricultura e na zootecnia.

Em síntese, isso demonstra que a sua formação foi “instrutiva. A formação religiosa e didático-pedagógica recebida serviu de alicerce à futura vida profissional bem-sucedida”³². Além disso, percebe-se na sua narrativa oral um sentimento de gratidão e de dívida por ter recebido a bolsa, a responsabilidade de retornar para o interior do Estado e retribuir o investimento feito pelo governo.

As narrativas dos professores Telmo Luiz Paganella (2019) e Valter Antônio Susin (2019) indicam que, na década de 1960, um projeto voltado a formação de professores rurais se desenvolveu no Rio Grande do Sul. Observa-se ações de políticas públicas voltadas ao aprimoramento e ao uso das instituições escolares para fazer chegar ao meio rural conhecimentos e técnicas que pretendiam modernizar o campo.

Na agricultura, plantamos milho e tomate. Então tinha a horta e a lavoura. Para assim definir, distinguir, que época era uma horta para hortaliças, que o colégio, uma cozinha do colégio, aproveitava, e como lavouras de milho que não serviam apenas para a alimentação dos alimentos, e também para a alimentação dos animais. Porque o colégio tinha uma pequena criação de gado, aves, suínos e ovinos. Que serviam para que? Para quem está aprendendo lá dentro: você sabe cuidar melhor da vaquinha no colégio que lá não existe. Ou melhorar o seu conhecimento. Assim da ovelha, da galinha, do porco. [...] E depois teve uma parte teórica também, de zootecnia, agricultura. E essas eram as práticas agrícolas. E depois teve

³¹ PAGANELLA, Telmo Luiz. **Marcas, profundas marcas...** São Marcos: Lorigraf, 2009. p. 65.

³² PAGANELLA, Telmo Luiz. **Marcas, profundas marcas...** São Marcos: Lorigraf, 2009. p. 67.



uma parte teórica também, de zootecnia, agricultura. (Telmo Luiz Paganella – São Marcos – RS - 2019).

Werle argumenta que as Escolas Normais Rurais³³, no caso do Rio Grande do Sul, foram um tipo de instituição criada nos anos quarenta do século XX ligadas a iniciativas da Igreja Católica e à necessidade de expandir o ensino público a todas as regiões do estado³⁴. Eram instituições voltadas exclusivamente para formação do magistério. Embora as instituições tenham assumido currículos distintos, a formação voltada para agricultura foi, por muito tempo, uma de suas características de identidade institucional.

Para Werle³⁵ as escolas normais atendiam o objetivo de formação de professores de primeiras letras para as zonas rurais³⁶. E a formação era realizada e mantida por congregações religiosas masculinas, portanto, o projeto de formação estava associado à captação e à formação de quadros para as tais congregações. Telmo e Valter foram alunos da Escola Normal Rural Murialdo, de Ana Rech, distrito de Caxias do Sul, RS.

O que aprendemos aqui, foi muito útil para a nossa vida. Porque nós estamos aqui com uma formação muito bem formatada. Muito bem formados, parte religiosa, parte de aula também, parte de disciplina, parte técnica também, das disciplinas técnicas. [...] Todas as turmas que se formaram professores rurais aqui, eram muito bem-vistas em todo o Rio Grande do Sul. Eles querem professores da escola normal rural de Ana Rech. (Valter Antônio Susin – Caxias do Sul – RS – 2019).

³³ No Rio Grande do Sul existiram seis Escolas Normais Rurais dessa natureza, entre 1941 e 1972, a saber: Escola Normal Rural da Arquidiocese, Porto Alegre (1941-1945); Escola Normal Rural La Salle, Cerro Largo (1941-1972); Escola Normal Rural Murialdo, Ana Rech, Caxias do Sul (1942-1972); Escola Normal Rural de Guaporé, Guaporé (1946-1952); Escola Normal Rural Assis Brasil, Ijuí (1953-1965); Escola Normal Rural Presidente Getúlio Vargas, Três de Maio (1957-1971).

³⁴ WERLE, Flávia Obino Corrêa et al. Um espaço esquecido de formação do professor: a Escola Normal Rural In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (org.). **Instituições Formadoras de Professores no Rio Grande do Sul**. Pelotas: UFPel, 2008. p. 63-102.

³⁵ WERLE, Flávia Obino Corrêa et al. Um espaço esquecido de formação do professor: a Escola Normal Rural In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (org.). **Instituições Formadoras de Professores no Rio Grande do Sul**. Pelotas: UFPel, 2008. p. 63-102.

³⁶ O poder público estadual destinava, a alunos carentes e oriundos de municípios do interior, bolsas de estudo para as escolas normais rurais. Essas bolsas viabilizavam as escolas normais rurais e exigiam do aluno uma retribuição em serviço: exercer a docência, após a conclusão do curso, em escolas de zonas rurais. Estas bolsas ajudavam a financiar os internatos católicos: estrategicamente, as escolas normais ajudaram a captar candidatos ao magistério e/ou à vida religiosa. O ensino era muito exigente e nem todos os alunos concluíam o curso. (WERLE, 2014). Apenas na década de 1950, sob a Lei Orgânica das Escolas Normais, é que o governo do estado do Rio Grande do Sul cria duas escolas normais rurais públicas, uma em Osório e outra em Santa Cruz do Sul, como informa Almeida (2007).



Além da formação técnica, voltada para modernização do rural, a formação religiosa endossa a expectativa de que a escola rural contribuísse para “moldar moralmente os sujeitos”, como argumenta Maria Teresa Cunha, a Igreja foi uma das principais aliadas da Escola Primária para divulgar os preceitos de civilidade e inspirar o nacionalismo cívico³⁷. Pretendia-se levar o Brasil à modernidade moldando os sujeitos e educando-os segundo os preceitos das boas maneiras, regras de comportamento ordeiro e cosmopolita, para que tivessem a conduta esperada pela “boa sociedade”. Além disso, como argumenta José Souza, esperava-se que o professor, com sua sublime missão, preparasse futuros cidadãos para a pátria e futuros herdeiros para o céu³⁸.

A formação nas escolas normais rurais incluía estudos de educação geral, estudos pedagógicos e de didática bem como práticas relativas às lides agrícolas e pastoris, além da fé católica. A influência da Igreja evidencia-se no modo como estes docentes orientaram os primeiros anos, atuando na comunidade como lideranças assumidas. Além disso, há um certo saudosismo naquilo que Cunha assinala sobre análise da ego-memória, uma forma pela qual os sujeitos se projetam no tempo e procuram construir uma representação sobre suas ações, os acontecimentos que enredam suas histórias³⁹.

Considerações finais

A memória é coletiva, e nela o indivíduo tem uma posição irrepetível dos fatos vividos. Todavia, ela se dá pela interação entre os membros da comunidade e as experiências vivenciadas entre eles. Portanto, a memória coletiva é sempre plural, constituída por lembranças do passado que transcendem a individualidade, são compartilhadas socialmente no domínio da vida comum. Encontra-se ancorada na história individual e vai emergindo à medida que são feitos os encadeamentos e as relações do que é manifestado nas lembranças.

³⁷ CUNHA, Maria Teresa Santos. De achados locais a indícios nacionais: arquivos pessoais de educadores na História da Educação do tempo presente. In: CURY, Cláudia Engler; VIEIRA, Carlos Eduardo; SIMÕES, Regina Helena Silva. **História da Educação: global, nacional e regional**. Vitória, ES: EDUFES, 2019, p. 75-98.

³⁸ SOUZA, José Edimar de. Trajetória, docência e memórias de uma professora: fragmentos do ensino rural em Novo Hamburgo/RS (1940-1969). **Revista História de la Educación Latinoamericana**, 14, n.18, p. 265-280, jul./dez. 2012.

³⁹ CUNHA, Maria Teresa Santos. De achados locais a indícios nacionais: arquivos pessoais de educadores na História da Educação do tempo presente. In: CURY, Cláudia Engler; VIEIRA, Carlos Eduardo; SIMÕES, Regina Helena Silva. **História da Educação: global, nacional e regional**. Vitória, ES: EDUFES, 2019, p. 75-98.



A influência da Igreja evidencia-se no modo como estes docentes orientaram os primeiros anos, atuando na comunidade como lideranças. Além disso, há um certo saudosismo naquilo que Cunha assinala sobre análise da ego-memória, uma forma pela qual os sujeitos se projetam no tempo e procuram construir uma representação sobre suas ações, os acontecimentos que enredam suas histórias⁴⁰.

A partir da análise da história de professores no meio rural de Caxias do Sul, é possível situá-las no espaço e no tempo, reconhecendo, desse modo, a atuação significativa de sujeitos na história da educação de distintos lugares, que traduzem um fazer específico, um modo de compartilhar saberes e de construir aprendizagens. A partir da dimensão de narrativas orais de egressos do curso Normal, foi possível estabelecer relações com contextos mais amplos. Desse modo, os enfoques de aspectos da história pessoal/local estão imbricados nos processos históricos mais amplos e complexos, como a dificuldade de lotar docentes no interior do Estado do Rio Grande do Sul; a formação de professores e as políticas públicas implantadas no final da década de 1950 para acompanhar o desenvolvimento; e o movimento de urbanização que começava a apresentar modificações para o espaço rural.

Percebe-se que, no universo cultural, o trabalho desenvolvido pelas congregações religiosas em diferentes educandários acabou por caracterizar e “moldar uma moral e civilidade”. Nesse sentido, os religiosos dirigiam a cultura regional por meio de internatos e escolas, bem como pelas pregações e pelo catecismo, que convergiam nas relações sociais e econômicas que impactaram a cultura deste lugar.

Data de submissão: 07/06/2022

Data de aceite: 28/06/2022

Referências

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar:** textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt. **Memórias da rural:** narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960). 2007. 272 f. Tese

⁴⁰ CUNHA, Maria Teresa Santos. De achados locais a indícios nacionais: arquivos pessoais de educadores na História da Educação do tempo presente. In: CURY, Cláudia Engler; VIEIRA, Carlos Eduardo; SIMÕES, Regina Helena Silva. **História da Educação:** global, nacional e regional. Vitória, ES: EDUFES, 2019, p. 75-98.



(Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2007.

CAXIAS DO SUL. Mapa do município – escala 1/10.000. Disponível em: http://www.caxias.rs.gov.br/_uploads/planejamento/sui/sui_mapa_municipio.pdf. Acesso em: 22 maio 2017.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Saberes impressos escritas da civilidade e impressos educacionais. (Década de 1930 a 1960). In: YAZBECK, Dalva Carolina; ROCHA, Marlos Bessa Mendes da. **Cultura e história da educação: intelectuais, legislação, cultura escolar e imprensa**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009, p. 233-251.

CUNHA, Maria Teresa Santos. De achados locais a indícios nacionais: arquivos pessoais de educadores na História da Educação do tempo presente. In: CURY, Cláudia Engler; VIEIRA, Carlos Eduardo; SIMÕES, Regina Helena Silva. **História da Educação: global, nacional e regional**. Vitória, ES: EDUFES, 2019, p. 75-98.

DALLA VECCHIA, Marisa Virgínia Formolo; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: EST, 1998.

DEMARTINI, Zeila. Educação no campo: notas preliminares. In: BARBOSA, Joaquim Gonçalves; ALVES, Maria Leila; DURAN, Marília Claret Geraes (orgs.). **Políticas e educação: múltiplas leituras**. São Bernardo do Campo: UMESP, 2002. p. 133-148.

DEWES, Elisângela Cândido da Silva. **“O Despertar”**: uma história das práticas da educação rural em Caxias do Sul (1947-1954). – 2019. 176 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019.

FERNANDES, Cassiane Curtarelli. **Uma história do Grupo Escolar Farroupilha: sujeitos e práticas escolares (Farroupilha/RS, 1927-1949)**. 2015. 217 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – UCS, Caxias do Sul, RS, 2015.

GATTI JR., Décio. **A História das Instituições Educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas**. Campinas/SP: Autores Associados, Uberlândia/MG, Editora da Universidade Federal de Uberlândia. 2002, p. 3-24.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2015.

LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. Das Escolas de Improviso às Escolas Planejadas: Um Olhar Sobre os Espaços Escolares da Região Colonial Italiana, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, SP, v. 12, n. 2, p. 45-75, maio/ago. 2012.

MAGALHÃES, Justino. The educational institution in the modernization of the local. Historical – pedagogical perspective. **Revista di storia dell'educazione**, p. 41-55, 1/2018.



NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Proj. história**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PAGANELLA, Telmo Luiz. **Escola Normal Rural Murialdo**. Ana Rech. Caxias do sul. Um molde de caráter. Caxias do Sul: Maneco, 2020.

O 5 de Abril. Notícias de Lomba Grande. Novo Hamburgo, ano XIV, n. 10, 1940a, 7 de junho de 1940.

PAGANELLA, Telmo Luiz. **Marcas, profundas marcas...** São Marcos: Lorigraf, 2009.

PENNA, Rejane. Avanços e perspectivas na utilização das fontes orais em historiografia recente. **Práxis** - Revista do ICHLA, Novo Hamburgo, ano 2, v. 2, n. 3, p. 7-14, ago. 2005.

RIO GRANDE DO SUL. Fundação Estadual de Economia e Estatística. Divisão Geopolítica do Estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.fee.rs.gov.br/perfil-socioeconomico/estado/divisao-geopolitica-do-rs/> Acesso em: 15 abr. 2019.

RIBEIRO, Marlene. Desafios postos à educação do campo. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, nº 50 (especial), p. 123-139, mai 2013.

ROCKWELL, Elsie. Imaginando lo no-documentado: del archivo a la cultura escolar. In: CERECEDO, Alicia Civera; ESCALANTE, Carlos; LAFARGA, Luz Elena Galván (Coord.). **Debates y desafíos en la historia de la educación en México**. Zinacantepec, Estado de México: El Colegio Mexiquense, A.C.: Instituto Superior de Ciencias de la Educación del Estado de México, 2002. p. 208-234.

SERNA, Justo; PONS, Anaclet. **La historia cultural**: Autores, obras, lugares. Madrid: Akal, 2013.

SOUZA, José Edimar de. Trajetória, docencia e memórias de uma professora: fragmentos do ensino rural em Novo Hamburgo/RS (1940-1969). **Revista Historia de la Educación Latinoamericana**, 14, n.18, p. 265-280, jul./dez. 2012.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. **Projeto História**, São Paulo, n. 15, p. 51-84, abr., 1997.

WERLE, Flávia Obino Corrêa et al. Um espaço esquecido de formação do professor: a Escola Normal Rural In: TAMBARA, Elomar; CORSETTI, Berenice (org.). **Instituições Formadoras de Professores no Rio Grande do Sul**. Pelotas: UFPel, 2008. p. 63-102.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. Formação de professores para a zona rural: análise em perspectiva histórica, diferentes veículos de cultura escolar. In: FARIAS, Graziela Franceschet; ANTUNES, Helenise Sangoi (org.). **Desafios e perspectivas na Educação Rural**: fazeres pedagógicos e seus múltiplos olhares. Curitiba: CRV, 2014. p. 49-68.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática da pesquisa. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, M. P. de;



VILELA, R. A.T. (orgs.). **Itinerários de Pesquisa**. Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 287-308.

Entrevistas orais

Telmo Luiz Paganella. **Entrevista oral sobre formação e docência rural no Rio Grande do Sul**. Entrevista concedida a José Edimar de Souza. São Marcos, RS, 16/04/2019.

Valter Antônio Susin. **Entrevista oral sobre formação e docência rural no Rio Grande do Sul**. Entrevista concedida a José Edimar de Souza. Caxias do Sul, RS, 06/11/2019.

